

humanitas



Vol. LXVI
2014

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

O BIÓGRAFO ANTÓNIO FRANCO S. J., AUTOR DA *IMAGEM DA VIRTUDE*

THE BIOGRAPHER ANTÓNIO FRANCO S. J., AUTHOR OF *IMAGEM DA VIRTUDE*

CARLOTA MIRANDA URBANO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
camirurb@fl.uc.pt

Resumo

Este estudo apresenta o biógrafo jesuíta António Franco (1662-1732), autor da obra *Imagem da Virtude*. Embora confesse os seus propósitos pedagógicos e apologeticos, o Padre António Franco revela exigências históricas e críticas no momento em que a hagiografia (género literário em que poderíamos incluir as suas *vidas edificantes*) começa a afirmar-se como ciência crítica, mas não prescinde da sua dimensão apologetica. O estudo propõe ainda uma leitura desta obra no contexto da pedagogia espiritual da Companhia que valoriza não só uma concepção edificante da história e da historiografia, como o princípio espiritual da *imitatio sanctorum*.

Palavras-chave: Companhia de Jesus (séc.XVII)- António Franco- pedagogia-hagiografia -historiografia.

Abstract

This study presents the Jesuit biographer António Franco (1662-1732), author of the *Imagem da Virtude*. Although he confesses his pedagogical and apologetic purposes, Father António Franco reveals a historical and critical consciousness at a time when hagiography (literary genre in which we include his edifying lives) begins to assert itself as a critical science. The study also proposes a reading of *Imagem da Virtude* in the context of spiritual pedagogy of the Society that not only values an edifying view of history and historiography, but also the spiritual principle of *imitatio sanctorum*.

Key-words: Jesuits (XVIIth)-António Franco-pedagogy-hagiography-historiography.

*São as vidas escritas humas como estatuas dos homens,
que representaõ*

Para os que investigam na literatura novilatina produzida em Portugal, ou no espaço de sua influência, nos séc. XVI e XVII, António Franco é um nome muito familiar. Se tais investigadores se ocupam da história, da pedagogia, da literatura ou da espiritualidade da Companhia de Jesus, este nome corresponde a uma fonte inevitável.

Esta figura ilustre do Colégio do Espírito Santo de Évora, incansável e laborioso polígrafo da Companhia de Jesus, empenhou-se verdadeiramente na transmissão da memória, não só da sua Ordem religiosa, o que constituía um dos principais objectivos da sua escrita, mas também da memória da cidade de Évora. Assim o confessa no prólogo à sua *Évora Ilustrada* que ficou manuscrita até 1945, ano em que foi editada por Armando Nobre de Gusmão. Esta obra, resumo de outra com o mesmo título, do P. Manuel Fialho, foi uma das primeiras tentativas de publicação do resultado de longos anos de trabalho do P. Fialho, escritos em quatro grossos volumes manuscritos, dedicados à história de Évora. António Franco manifesta a sua intenção de resgatar e garantir a propriedade e autoria para a Companhia de Jesus, ao manuscrito do P. Fialho depois da morte do seu autor em 1718, consciente de que tem em mãos o ingente trabalho que não deve ficar inédito.

“Ficou esta obra, por sua morte, como os filhos sem pai; e se eu não tivera cuidado de a fazer recolher e apropriar ao cartório do Colégio, sabe Deus onde iria parar, por não faltarem pessoas autorizadas, de fora, que a desejaram e quasi procuraram haver. Como se uma história de uma Cidade nobre valesse tão pouco como uma verónica, ou umas contas, que um Padre da Companhia dá a um menino, e o suor de vinte anos fosse uma casca de noz, e não fosse uma peça destas, móvel precioso, dos quais os Prelados não podem dispor.”¹

Ao resumir esta obra, António Franco pensa torná-la mais apetecível para publicar, reduzindo com o resumo as despesas de impressão. Além disso, faz justiça ao autor e ao tema, ao companheiro e à cidade. Embora Évora não seja a sua terra natal, nela iniciou o estudo das letras, nela entrou na Companhia, estudou, nela vive e escreve. É para honrar a cidade e o P. Fialho e para utilidade dos eruditos que, como escreve no mesmo prólogo,

1 Franco, A. (1945): 6.

“...me resolvi a este limitado trabalho, que so foi copiar o alheio, posto que algumas coisas acrescentei, ou por sucederem depois da morte do Padre, ou porque tive, em especial nas coisas da Companhia, outras notícias, que ele não descobriu.”

Embora o seu esforço não tenha sido eficaz conseguindo então a desejada publicação, a obra do Padre Fialho não ficaria esquecida. Francisco da Fonseca, outro sacerdote da Companhia de Jesus, contemporâneo do P. Fialho e do P. António Franco, publicaria em 1728 uma *Évora Gloriosa, epílogo dos quatro volumes que compôs o P. Manuel Fialho da Companhia*. A impressão, porém, foi em Roma. Ao que parece, as impressões ficavam bastante mais dispendiosas entre nós que no estrangeiro. As dificuldades da impressão da obra do P. Fialho prendiam-se, como explica o P. Fonseca no prólogo, com a dimensão excessiva do trabalho, resultado de longos vinte anos: quatro tomos e ainda os compêndios que deles fez [o P. Fialho] nas línguas portuguesa e latina. Decidido a resgatar do silêncio dos arquivos as ‘glórias de Évora’, o Padre Fonseca resume e reorganiza alguns conteúdos, como confessa no mesmo prólogo, para tornar a ‘história mais clara e de leitura mais gostosa’. Nesta obra, num índice que intitula “Biblioteca eborense académico-jesuítica” e que integra no *Capítulo quinto: Évora Doua*, Francisco Fonseca dá entrada ao nome de António Franco:

“benemérito do Collegio eborense pelas famosas obras com que reformou o noviciado (...) e de toda a província de Portugal, pelo incansável trabalho e continuo estudo, com que revolvendo todos os cartórios, arquivos, e monumentos antigos, dezentrou das cinzas do esquecimento as gloriosas memórias dos Padres mais memoráveis e famosos desta Província...”²

Mas a obra de António Franco ao serviço do ‘fazer memória’, foi muito mais do que a mediação da obra do Padre Fialho. A sua vida e o seu ministério foram a de historiador e pedagogo: o historiador empenhado na construção e na transmissão da memória, espontaneamente convicto da sua dimensão edificante, conforme o princípio clássico formulado por Cícero: *historia, uita memoriae, magistra uitae* (*Orat.* 2, 9 35). Mas vejamos em traços muito breves o que foi a sua vida:

O Padre António Vaz Franco nasceu no ano de 1662, em Montalvão, no seio de uma família nobre e foi na sua terra que recebeu a primeira instrução.

2 Fonseca, F. (1728): 426.

Mudou-se depois para Évora, onde prosseguiria os estudos na Universidade e acabou por dar entrada na Companhia de Jesus no seu noviciado nesta cidade no ano de 1677. Tinha apenas quinze anos. Foi concluir a Lisboa, onde fez os seus votos, o período do noviciado, mas voltou para Évora para continuar a formação de jesuíta com os cursos de Letras e Filosofia. Depois de cumprir o magistério como mestre de humanidades e retórica no Colégio de S. Miguel nos Açores, regressou de novo a Évora, onde prosseguiu nos estudos de Letras e, finalmente, Teologia.

Já sacerdote e professo de 4 votos, foi mestre na casa do Noviciado de Lisboa, desde 1695 até 1700, ano em que regressou a Évora para assumir as funções de mestre de noviços no Colégio desta cidade, cargo que exerceu durante cinco anos. Em 1705 assumiu o reitorado do Colégio de S. Francisco Xavier em Setúbal. Dois anos depois, porém, retomava o caminho de Évora, como prefeito dos irmãos do Recolhimento e de novo como mestre de noviços. Depois de, por tempo que não conseguimos apurar, ter exercido as funções de prefeito da terceira provação em Coimbra e em Lisboa, voltou para Évora como prefeito do recolhimento, cargo que lhe permitiria ocupar-se das suas laboriosas investigações e escritos até ao ano de 1732, ano em que veio a morrer aos 70 anos de idade.

Depois da sua morte, o Padre Matias Salgado, seu contemporâneo, recebeu o encargo de compor a sua biografia que intitulou: *Epítome panegírico da Vida e virtuosas acções do venerável Padre António Franco da Companhia de Jesus*.³ Quem, porém, nos dá mais informações sobre o jesuíta é o P. Francisco Rodrigues, quer na sua *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, na “Prefação bibliográfica” ao 1º volume em que o inclui nas suas fontes entre os primeiros historiadores da Companhia, quer no prefácio à edição do *Ano Santo da Companhia*, obra que António Franco deixou manuscrita e Francisco Rodrigues publicou em 1930 e a que adiante nos referimos.

Como podemos ver pelos cargos que foi exercendo, o seu ministério teve uma forte componente espiritual: ora mestre de noviços, ora prefeito da terceira provação (espécie de segundo noviciado antes dos votos finais) ora ainda dos irmãos do Recolhimento (os jesuítas estudantes de Humanidades que a partir do séc. XVII viviam numa espécie de prolongamento

3 Texto manuscrito que Francisco Rodrigues refere e localiza no prefácio ao *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*: Rodrigues (1930): VIII.

do noviciado e não com toda a comunidade como acontecia nos primeiros anos da Companhia).⁴

Nos anos em que ensinou Humanidades e Retórica na Casa do Noviciado de Lisboa, como ele próprio afirma, publicou o *Promptuário de Sintaxe* (em 1699), obra que depois foi de novo impressa por várias vezes e, numa férias, juntamente com os seus alunos, fez uma tradução do *Indiculus Universal* do jesuíta François Pomey, que viria a ser publicada em 1716.⁵ Na sua *Imagem da Virtude* relativa ao noviciado de Évora, inclui-se a si próprio no *Catálogo, no qual se referem os Religiosos Compositores de livros, que nesta casa forão Noviços*, dando-nos por isso informações fidedignas:

“Com seus discípulos em humas férias fez Lusitano Latino o *Indiculus Universal* do Padre Pomey para uso do fallar em Latim: ainda se não imprimio, mas está corrente com todas as licenças.”

Este dicionário temático cuja tradução implicou a António Franco e à sua ‘equipa’, diríamos hoje, um trabalho de alargamento e adaptação da obra à realidade portuguesa, teve várias edições entre nós e sofreu versões para várias línguas (italiano, alemão, flamengo, inglês, espanhol), atestando o seu interesse.

Mas o que mais tomou o tempo e a vida do P. Franco não foi a sua obra didática. Foi antes a sua obra de carácter historiográfico, mormente biográfico que, como já dissemos, e de acordo com a cultura do seu tempo, estava intimamente associada à sua dimensão de pedagogo, sobretudo pedagogo espiritual. Como sabemos, a pedagogia inaciana não vivia apenas dos *Exercícios Espirituais*, mas também da leitura, pública e individual, e essa leitura era, desde as origens da Companhia, como fora na conversão do fundador, uma via privilegiada para o desejo da *imitatio sanctorum*. Com os progressos de uma missão que foi somando, quer na velha Europa, quer na missão *ad gentes*, exemplos de vida edificantes, a Companhia dispunha

4 “Os irmãos do recolhimento que vivem como numa prolongação do noviciado, quem os observasse diriam que eram perfeitos noviços tendo a mais o estudo de Letras”. Rodrigues, F. (1931-1950): tomo IV, vol. 1, 8.

5 Esta obra foi objecto de estudo de Manuel Rodrigues Borges da Silva, em dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Aveiro em 2006. Remeto os interessados para este trabalho. file:///C:/Users/utilizador/Downloads/2007000108.pdf consultado em 20 de Maio de 2014.

de um rico património espiritual a que sabiamente recorria, celebrando e fazendo memória de muitos dos seus companheiros, verdadeiros *exempla ad imitandum* que propunha às novas gerações. Esses *exempla*, porém, permaneciam dispersos em *uitae* manuscritas, bem como em relatos e relações de martírios, em catálogos e cartas ânuas, em parte já impressos.

O maior mérito do P. António Franco foi o trabalho de recolha, organização e compilação de grande parte destas narrativas dispersas, numa obra de quatro volumes que ele descreve como *Historia dos Varoens Illustres dos três Noviciados desta nossa Província de Portugal* a que deu o título de *Imagem da Virtude*. O primeiro volume é relativo ao Noviciado de Évora e foi editado em 1714, seguiu-se em 1717 o volume relativo ao noviciado de Lisboa e finalmente em 1719 dois volumes relativos ao Noviciado de Coimbra.

Outras obras escreveu o P. Franco. O *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal: memórias breves e ilustres de muitos homens insignes em virtude, com que Deus a (a Companhia) enriqueceu, distribuídas pelos meses e dias de todo o ano*. Estes homens ilustres são recordados, um a um, no dia da sua morte, seguindo a antiga tradição cristã de recordar os mártires no seu *dies natalis*. Esta obra ficou preparada para a impressão, com as devidas licenças, mas inédita. Seria mais tarde publicada pelo Padre Francisco Rodrigues em 1930. Como sugerem as suas palavras no prólogo à *Imagem da Virtude*, terá sido por falta de verbas, por ser especialmente dispendioso em Portugal o trabalho de impressão. Com efeito, a mesma obra, verteu-a para Latim com o título de *Annus Gloriosus* e foi publicada em 1720, em Viena de Áustria. Outra obra de fôlego que infelizmente ficou inédita e que, por isso, se veio a perder foram dois volumes intitulados *Imagem do Primeiro Século da Companhia de Jesu em Portugal* e um primeiro volume da *Imagem do segundo século*. Nestes três, escreve o próprio Franco, “se contém pela ordem dos annos os successos, & cousas mais illustres dos primeiros 150 annos desta Província.”⁶

Provavelmente porque também esta impressão demorava, o P. Franco compôs um ‘resumo’ em Latim que intitulou *Synopsis Annalium Societatis Iesu* que publicou em 1726.

Este esforço de recolha e de registo histórico, mas sobretudo a organização calendarizada de vidas veneráveis de alguns dos seus membros, já se vinha assinalando na Companhia de Jesus. De 1665 datava a publicação

6 Franco (1714): 855.

do *Annus dierum memorabilium Societatis Iesu* do Padre João Nadasí que recolhia vidas veneráveis de membros de toda a Companhia. António Franco compõe o mesmo exclusivamente para a Província portuguesa e as que a ela estavam sujeitas da América à Ásia, passando pela África e pelas ilhas do Atlântico. Um esforço semelhante, mas menos abrangente, fora o do Padre Bartolomeu Guerreiro que publicara em 1642 a *Gloriosa Coroa de esforçados religiosos da Companhia de Jesus mortos pela Fé católica, nas conquistas dos Reinos da Coroa de Portugal*. Poderíamos recordar outros, mas lembremos apenas Matias Tanner que em 1675 publicou uma obra semelhante⁷ que, enriquecida com gravuras, aliava ao poder persuasivo do *exemplum* narrado, o poder persuasivo da imagem.

Todas estas obras, como a *Imagem da Virtude* do Padre Franco, inserem-se claramente no moderno movimento hagiográfico nascido da reforma tridentina e, em certa medida, correspondem ao esforço editorial da recém-nascida hagiografia como ciência crítica, que dera no séc. XVI os seus primeiros passos.

O Padre António Franco revela inequivocamente a sensibilidade que as novas exigências literárias e historiográficas da hagiografia moderna reclamavam desde os movimentos de reforma, compondo os seus relatos biográficos de acordo com aquelas exigências. Veja-se o que escreve na Introdução à *Imagem da Virtude* relativa ao Noviciado de Coimbra, no Volume I:

*“Pera esta obra nam perdoei a trabalho revolvendo os cartórios de Évora, & Coimbra, aonde fui somente por ajuntar papeis, de que me ajudar. Outros muitos ouve, que andavam fora dos cartorios em diversas cazas, & livrarias, de todos me aproveitei, como também das Historias impressas, & manuscritas desta provincia, assim do Padre Álvaro Lobo, como do aparato, que pera a Historia, que começou, tinha o nosso Padre Antonio Leite. Em tudo procurei verdade, fazendo todas as diligencias, que pude; por isso no fim das vidas allego de ordinario os documentos por onde escrevi, & com que me ajustei; ainda que isto a alguem poderá parecer escusado, com tudo eu o nam julguei assim, conformandome com o uso, que nisto tem outros homens, que escreveram matéria semelhante, porque estas allegaçoes fazem na Historia grande fe; podendo sempre ver as fontes, donde se dis, que a tal couza se recolhera.”*⁸

7 Tanner, M. (1675)

8 Franco (1719) I

Não só procura escrever a verdade, assim afirma, como apresenta cuidadosamente as suas fontes, reconhecendo que tal método dota de maior autoridade e ‘fé’ o seu trabalho.

Mas a hagiografia que se constituía como ciência historiográfica, precisamente por nascer em clima de reforma, não se exime de uma missão apologética.

É à luz desta missão apologética que podemos fazer uma leitura justa, porque fiel ao autor, da *Imagem da Virtude*. Uma missão apologética ambivalente *ad intra* e *ad externa*.

No prólogo que antecede o volume relativo ao Noviciado de Évora, que redigiu durante os anos em que aí foi mestre de noviços e em que, portanto, tinha a seu cargo a formação espiritual dos mais jovens membros da Companhia, confessa claramente os seus intuítos relativamente à missão *ad intra* da sua obra:

“Dandome a santa obediência a occupação de Mestre dos nossos Irmãos Noviços em o nosso colégio de Évora, tomei por devoçam especial, gastar as horas que as obrigações da occupação me deyxavam livres, em ajuntar vidas de homens virtuosos desta nossa Província, & as reduzir a hum corpo, para que se nam viessem a perder com os manuscritos, em que andavam dispersas. (...)

Para mais segurar tam preciosas memorias, quais sam em todas as Religioens as virtudes dos antepassados, mandava aos meus Noviços nas horas desoccupadas tresladar os manuscritos, que eu hia ajuntando, & escrevendo, para que sendo muitos os manuscritos das mesmas vidas ficasse mais firme a sua conservaçam; considerando também, que por este modo se poderia despertar a devoçam de algum Religioso, para as escrever, & dar a luz; porque quando a terra està cortada, & aberta, nunca falta, quem a queyra fabricar, & mais , quando entende que he certo o fruto do seu trabalho, como sempre he na liçam das açoens virtuosas dos antepassados , que sam humas vivas exhortaçoens a todos os que as lem, animando os a ser, como elles foram, e reprehendendo-os de nam serem os que devem ser.”⁹

As virtudes dos antepassados são, nas suas palavras, vivas exortações para os que as lêem. António Franco dá expressão a um sentimento genuinamente católico (pela relação corpo/memória que supõe) que no mesmo

9 Franco, A., (1714) s.n.

prólogo se explicita quando, ao descrever a casa e as capelas do noviciado, fala das vantagens de o noviciado não ter nunca mudado de sítio naquele Colégio. Os santos homens insignes em virtude e em letras de que adiante se propõe falar,

“puzeraõ seus pés nestes limiares das portas, em que pomos os nossos; abriãõ cõ suas mãos, & tocaraõ as mesmas portas de madeyra, que abrimos (...) Todos muytas vezes fizeraõ oraçaõ nas mesmas capellas em que nós a fazemos. Memorias são estas tam despertadoras de Deos, q só não farão abrir os olhos, a quem os tem prezos de algum profundo letargo.”¹⁰

A redacção destas biografias e a sua leitura, a celebração das memórias aqui evocadas, servem, inequivocamente, um propósito de edificação. Tal como a proximidade física com os espaços que essas figuras exemplares tocaram, estas leituras movem o leitor, ou o ouvinte, ao desejo da santidade, numa espécie de estímulo de *mimetismo espiritual* que o P. António Franco define deste modo:

“para que vendo cada hum as virtudes dos santos varoens, que nas mesmas casas se tinham creado, lhes cobrasse a ellas amor & à sua Religiam, & procurasse de ser em sua vida, quaes foram seus antepassados, confundindo se muyto de nam ser santo, vivendo entre paredes tam santas & santificadas por tantos homens de tam eminentes virtudes”.

O valor atribuído à proximidade física com os ‘heroes’ da Companhia, como lhe chama, mediada pelos espaços em que eles se moveram, porém, não corre risco de ser criticado como ingenuidade ou fácil crença em magia. Na Introdução à *Imagem da Virtude* relativa a Coimbra, no volume II, o P. Franco desenvolve a mesma ideia esclarecendo:

“Porque não está o ponto em viver em Jerusalém, mas está sim em viver bem em Jerusalém. Que me faz o que elles foraõ naquelle lugar, se eu nelle não sou o que devo ser? Cuido, que aos homens Religiosos athe nos hã Deos de pedir contas dos tejolos, que pizamos, porque havendo nelles tantos vestígios da santidade dos nossos antepassados, assim às vezes vivemos esquecidos das nossas obrigações, que nem sabemos onde pomos os pés.”¹¹

10 Franco, A. (1714) 18.

11 Franco, A. (1719) II.

Todo o seu empenho está, como confessa, em mover ao desejo de santidade, apresentando modelos vivos de ‘heroes’ aos noviços a quem dedica o seu trabalho:

“São as vidas escritas humas como estatuas dos homens, que representaõ: & tem sem duvida muyto mais energia, pera persuadir, do que achava Scipiaõ terem as estatuas dos seus Romanos, a cuja vista elle confessava conceber novos alentos, & espíritos capazes de se medir com todas as cousas grandes. Nas vidas dos homens sanctos aprendem, os que seguem semelhante instituto, o modo, que eles tiveraõ em o exercitar: o cuidado, & vigilância, com que se ouveraõ, para chegar aos apices da perfeiçaõ Evangélica, a que subiraõ. Os caracteres , que tem diante dos olhos, lhes estaõ mudamente repetindo a inscripçaõ, que os Athenienses tinhaõ aos pés das estatuas dos seus antepassados: Sereis, dizia a inscripção, como estes.”¹²

Por outro lado, não podemos deixar de relacionar estas publicações com uma missão apologética *ad externa*, embora esta não seja tão claramente confessada. A exibição da sua história, mas mais ainda dos seus santos e figuras edificantes dotava de prestígio a mais jovem Ordem religiosa que em tão pouco tempo se tinha afirmado quer no domínio espiritual quer no temporal. Desde as suas origens a Companhia suscitara rivalidades e controvérsias, mas quando o P. Franco compõe os quatro volumes da *Imagem da Virtude*, o clima anti-jesuítico vinha ganhando fôlego em Portugal.

Desde finais do séc. XVII, início do XVIII, o levantamento da questão dos ‘ritos chineses’ em Roma (1693), a proibição dos ritos malabares na Índia (1703) e dos ‘ritos chineses’ (1707), foram sinais e motivo do crescendo das hostilidades e rivalidades em torno da Companhia que viriam a resultar na expulsão dos jesuítas de Portugal e dos seus domínios em 1759, e a culminar na supressão da Companhia em 1773.

É quando começa a formar-se esta tempestade que a Companhia iria atravessar, que o P. António Franco publica os três livros sobre os três principais Colégios da Companhia de Jesus em Portugal, conhecidos como *Imagem da Virtude*. Estes livros são preenchidos pelas biografias edificantes e *heróicas* de alguns membros da mais recente Ordem Religiosa que naqueles Colégios fizeram o seu noviciado. São pregadores, educadores, missionários, mártires de sangue e da caridade, homens de virtude comprovada, ou homens de letras,

12 Franco, A. (1719) s.n.

que com a sua vida atestam a fidelidade da Companhia ao Reino e a Roma, que prestigiam a mesma Companhia aos olhos da Igreja e aos olhos do mundo.

Os motivos confessados pelo P. Franco no prólogo da sua obra andam longe das polémicas, mas não podemos deixar de ler nela o que o mesmo autor confessa no prólogo do seu *Ano Santo*. Esta obra, classifica-a como mapa onde resume tudo o que escreveu nos outros volumes em que relata as virtudes e acções heróicas dos religiosos da Companhia e diz que nela

“se verá quam ilustre em cousas grandes e homens assinalados tem Deus feito a esta mínima Companhia de Jesus no reino de Portugal, e só na Província que tem dentro dele;”

Numa espécie de ‘compensação épica’, o profícuo biógrafo ostenta várias dezenas de narrativas edificantes e exemplares que apresenta como uma Imagem da Companhia oferecida à contemplação. Assim o exprime quando justifica na *Imagem da Virtude* a inclusão de um *catálogo de escritores* cujas vidas exemplares nos resume.

“porque como os dous pólos, em que se revolve o Ceo da Companhia, sejam virtudes, & letras, tudo tenhaõ que ver nesta sua Imagem os nossos Irmãos de Coimbra, servindo as letras somente de sombras, com que mais realce a Imagem da Virtude, formada de taõ bellas cores, quais saõ as que lhe deu a maõ de Deos, que foi o Author de taõ celestial pintura.”

António Franco foi, sem dúvida, uma figura assinalável da Companhia de Jesus. Como pedagogo, a sua obra, em cuja produção envolveu os próprios alunos e noviços em trabalho ‘de equipa’, estava essencialmente ao serviço dos mesmos alunos, esperando que nesse trabalho encontrassem para si, disponibilizando para outros, recursos e instrumentos adequados ao ideal pedagógico da Companhia que procurava formar integralmente os seus membros de acordo com o binómio *virtus et litterae*. Como historiógrafo, convicto, quer do poder educativo da história, quer da eficácia dessa prática tão cara à Companhia como era o ‘fazer memória’ dos seus, deixou-nos uma obra singular. Um documento que nos diz muito do seu tempo, em parte graças à sua composição na maioria biográfica com objectivos edificantes, e que, se hoje, pelas devidas distâncias culturais, perdeu eficácia nessa dimensão, continua a constituir no plano da investigação, uma fonte inevitável para o estudo da Companhia de Jesus na sua acção em Portugal e em todo o mundo de influência portuguesa.

Bibliografia:

- Fonseca, Francisco, (1728) *Évora Gloriosa, epílogo dos quatro volumes que compõem o P. Manuel Fialho da Companhia*, Roma.
- Franco, António, (1945) *Évora Ilustrada, extraída da obra do mesmo nome do P. Manuel Fialho*. Publicação, prefácio e índices de Armando de Gusmão, Évora.
- Franco, António, (1930) *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, edição, prefácio e notas de Francisco Rodrigues, Porto.
- Franco, António, (1714) *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal*, Lisboa.
- Franco, António, (1717) *Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu na corte de Lisboa*, Coimbra.
- Franco, António, (1719) *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, Évora, 2 vol.
- Grégoire, Reginald, (1996) *Manuale di Agiologia: introduzione alla letteratura agiografica*, Fabriano.
- Rodrigues, (1931-1950) *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto.
- Tanner, Matias, (1675) *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem*, Praga.